



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
LICENCIATURA INTEGRADA EM CIÊNCIAS MATEMÁTICA E LÍNGUAGENS

**AS MANIFESTAÇÕES DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NA VISÃO DE CRIANÇAS
ENTRE PENSAMENTOS FALAS E DESENHOS.**

ALDA LUCIA SILVA MARQUES

Belém – PA
2018

ALDA LUCIA SILVA MARQUES

**AS MANIFESTAÇÕES DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NA VISÃO DE CRIANÇAS
ENTRE PENSAMENTOS FALAS E DESENHOS.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de graduação na Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagem, da Faculdade de Educação Matemática e Científica (FEMCI), vinculada à Universidade Federal do Pará, sob orientação da Profa. MSc. Patricia Feitosa Santos.

Belém – PA
2018

ALDA LUCIA SILVA MARQUES

**AS MANIFESTAÇÕES DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NA VISÃO DE CRIANÇAS
ENTRE PENSAMENTOS, FALAS E DESENHOS.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de graduação na Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagem, da Faculdade de Educação Matemática e Científica (FEMCI), vinculada à Universidade Federal do Pará.

ALDA LUCIA SILVA MARQUES

APROVADA EM: BELÉM – PA - 28/02/2018.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. MSc. Patricia Feitosa Santos

Orientadora - Universidade Federal do Pará - UFPA

Prof^a Dr^a Josete Leal Dias

Membro 01 - Universidade Federal do Pará - UFPA

Prof^o Msc. Maria Augusta Raposo de Barros Brito

Membro 02 - Universidade Federal do Pará - UFPA

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que me acompanha desde sempre e cuja força foi imprescindível para que eu conseguisse realizar este sonho que há tanto tempo almejava.

À toda a minha família especialmente ao meu Esposo Walter Rogério e meus filhos Ana Beatriz e Pedro Rogério por terem me apoiado nas horas difíceis, terem entendido a minha ausência e principalmente por me incentivarem a não desistir de buscar meus sonhos.

A Todos os professores e coordenadores do curso de Licenciatura Integrada da Universidade Federal do Pará pelos seus ensinamentos e contribuições para minha aprendizagem ao longo desses quatro anos.

Um muito especial agradecimento a minha Orientadora Profa. Msc. Patrícia Feitosa Santos por acreditar em mim e ter participado desta trajetória, me incentivando, apoiando e, principalmente, orientando de maneira dura e terna, enriquecendo enormemente o conteúdo deste trabalho. Sem ela dificilmente teria chegado até aqui.

A minha querida equipe que esteve ao meu lado desde o primeiro semestre desse curso, com elas muito aprendi, rompemos barreiras, desmistificamos preconceitos, vivemos momentos especiais e também alguns tristes, dias de muito estudo, mas valeu a pena. Por isso aqui fica meu muito obrigado a Rosangela Santos, Elisabeth Lima e Ana Carolina Câmara pessoas que levarei para sempre em minha memória e em meu coração.

Agradeço também a todas as crianças e funcionários da escola, lócus desta pesquisa, por terem me fornecido os dados para esta pesquisa e a todos que direta ou indiretamente participaram.

Dedicatória

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a minha mãe Maria de Lourdes da Costa Silva (in memoriam), que infelizmente não está presente neste momento tão feliz da minha vida, mas que não poderia deixar de dedicar a ela, pois se hoje estou aqui, devo muito a seus ensinamentos e valores passado. Obrigado por tudo mãe!! Saudades Eternas.

RESUMO

Para compreender o fenômeno da violência escolar desenvolvemos esta pesquisa, que foi realizada nos moldes da pesquisa qualitativa, em uma escola pública de Belém, com o objetivo de verificar de que forma a violência é percebida no ambiente escolar na visão de crianças, por meio dos instrumentos metodológicos de observações, relatos e do grafismo infantil. O problema da violência escolar, na formação de sujeitos é um mal que vem desafiando educadores do mundo inteiro, colocando em cheque a concepção de valores, além de interferir no processo de educar ela dificulta desenvolver na escola a noção de liberdade de expressão e de pensamento. A leitura dos autores que discute o assunto, em principal Candau (2001), Abramovay (2002), Charlot(2002), Abramovay e Rua(2003) e Sarmiento (2009), ajudou a desenvolver esta pesquisa e deles nos valem para fundamentar nossa discussão, pois o tema desafia a escola pesquisada nos possibilitando apresentar algumas proposições e sugestões para o seu enfrentamento. Como resultado, identificamos que os tipos de violência mais recorrentes na visão das crianças foram: desrespeito ao professor e as autoridades da escola, destruição do patrimônio público, uso de drogas, assaltos e medos, e violência física.

PALAVRAS CHAVE: VIOLÊNCIA ESCOLAR - CRIANÇAS - EDUCAÇÃO

ABSTRACT

In order to understand how this phenomenon occurs we developed this research as a qualitative one, located in a public school of Belém, focusing a study about violence, seeking for various forms of it expressed into the scholar ambient, through children look, through methodological instruments of observations, reports and children's graphics where the same difficulties are encountered. The problem of school violence is a harm that challenges Brazilian educators in the formation of individuals, putting in check a conception of values. In addition it interposes the education process and raises some difficulties about the growth of expression and liberty thoughts. A reading of the authors that discusses the theme, specially Candau (2001), Abramovay (2002), Charlot(2002), Abramovay and Rua (2003) and Sarmiento (2009), helped to develop this topic and base our discussion on them. Besides, we encountered some difficulties faced by the school in dealing with this phenomenon, allowing us to propose some suggestions for its confrontation.

KEY WORDS: SCHOOL VIOLENCE - CHILDREN - EDUCATION

SUMÁRIO DAS FIGURAS

Figura 1 - Isabel 10 anos	21
Figura 2 - Mateus 10 anos	21
Figura 3 - Kauã 08 anos.....	21
Figura 4 - Ketellen 08 anos	22
Figura 5 - Evelyln 12 anos.....	23
Figura 6 - Marcey 11 anos.....	24
Figura 7 - Isabela 10 anos.....	25
Figura 8 - Adriana 08 anos	25
Figura 9 - Carlos 10 anos.....	26
Figura 10 - Alexandre 11 anos	26
Figura 11 - Arthur 10 anos	26

SUMÁRIO

1. MINHA TRAJETÓRIA ATÉ A UFPA	8
2. VIOLENCIA ESCOLAR	12
2.1- Tipos de violência	13
2.2. Violência Escolar: um reflexo da exclusão Social	14
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	18
3.1 Conhecendo os sujeitos da pesquisa	19
4- ANÁLISE DE DADOS	20
4.1 Violência entre alunos – brigas	20
4.2 Usos de Drogas	23
4.3. Assalto e Medo	24
4.4. Depredação do Patrimônio Público	25
4.5. Desrespeito ao professor.....	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
6. REFERÊNCIAS	29

1. MINHA TRAJETÓRIA ATÉ A UFPA

Diante da indagação: Por que ser professora? Mergulhei em minhas lembranças, ainda sem muita certeza sobre a importância desta opção em minha formação.

Ao me deparar com a tarefa de escrever meu memorial, percebi que reviver nossas memórias é uma tarefa que resgata sentimentos que há muito não eram revisitados e o quanto é importante compreender que o momento que estou vivendo é resultado de minhas escolhas.

Início meu relato lembrando que minha vida escolar começou em minha casa, fui alfabetizada por minha mãe que era professora, mas já estava aposentada por invalidez devido à tuberculose. Nessa época, década de 70, essa doença não tinha um tratamento eficaz, meu pai trabalhava no Mercado de Peixe e tinha somente até a 4^o série, o estudo não era prioridade para ele, pois o trabalho era fundamental para a sobrevivência da família. Que chefe de família maravilhoso era ele! Dessa forma o papel de educadora escolar ficou com minha mãe, que sempre fez de tudo para que eu e meus irmãos estudássemos. Sou a caçula e a única mulher de quatro irmãos.

Lembro como se fosse hoje! Foi em 1979 que iniciei minha vida escolar e minha mãe optou por uma escola particular que ficava perto da minha casa, mas esta só funcionava até a 8^o série. Chamava-se Escola São José, uma das poucas escolas Particulares que existia na cidade de Castanhal.

Esta escola era dirigida por uma Congregação de Freiras, onde estudei todo o meu Ensino Fundamental. É com pesar que afirmo não me recordar da minha primeira professora, só lembro que era Freira assim como todas as professoras da 1^a a 4^a série deste colégio, lembro também que não senti muita dificuldade em aprender os conteúdos, pois tive toda base em casa com minha mãe.

Da 5^o a 8^o série já consigo lembrar mais nitidamente de detalhes, mas um deles não me escapou da memória: as duras regras. A escola era cheia de regras, nos obrigavam a rezar o terço nas horas vagas, o uniforme tinha que estar sempre impecável, não podia usar mochila, caderno de arame, saia curta, roupas muito coladas, nem outro tipo de sapato que não fosse o sapato colegial, não podia se maquiar, pintar as unhas, o cabelo tinha que estar sempre preso. No primeiro dia de aula a professora definia onde íamos sentar durante todo o ano.

Recordo-me bem que todas as sextas-feiras exatamente as 3 horas da tarde tocava o sino e tínhamos que nos ajoelhar dentro da sala e fazer uma oração para lembrarmos a morte de Jesus na Cruz, por isso acabei me acostumando e achando tudo normal devido a natureza religiosa da escola.

Em que ponto dessas lembranças comecei a reconhecer fatos que me repostassem ao tema de minha pesquisa? No decorrer do que hoje se configura como ensino fundamental II, aconteceram comigo vários episódios que me marcaram, situações que hoje vejo que se tratava de um tipo de violência escolar. Certo dia a Professora de Português não me deixou assistir aula porque eu havia esquecido o livro, me colocou fora da sala de aula e mandou que ficasse rezando o terço ajoelhada. Fiquei muito constrangida! Como ela pode ter me tornado o centro das atenções e dos deboches dos meus colegas?

Tenho lembranças das aulas de Educação Física, onde era excluída do time de vôlei ou queimada, pela professora ou pelos alunos, pois não tinha muita habilidade e os colegas nunca me incluíram nos times. Como se não bastasse, ainda sofria com os constantes apelidos que recebia pelo simples fato de não ser adepta aos esportes.

Outro fato marcante ocorreu com a professora de História do 6º ano, era uma senhora de óculos, alta, sempre bem vestida, com expressões severas, nunca sorriu para mim, nunca teve um gesto sequer de carinho ou atenção para comigo, ao contrário dos demais alunos. Eu morria de medo dela. Quando ela me perguntava alguma coisa e eu não sabia, ela me chamava na mesa dela e me dava um sermão, dizia que eu era preguiçosa e que não gostava de estudar. O resultado é que eu chegava em casa chorando e dizia que não queria mais voltar pra escola, talvez por isso até hoje não tenha desenvolvido gosto por essa disciplina.

Hoje, na situação de futura professora, me questiono como essas professoras permitiam tais ocorrências e não planejavam estratégias outras, para me inserir nas aulas? Percebo que esses professores se importavam apenas com os conteúdos, sem importarem-se verdadeiramente com o bem estar de seus alunos no momento da aprendizagem.

Ao terminar minha trajetória do ensino fundamental, em 1987 mudei para uma escola Pública da minha cidade chamada Escola estadual Lameira Bittencourt onde cursei todo o antigo 2º Grau. Instantaneamente senti muita diferença no ambiente escolar, nos funcionários, nos alunos e principalmente nos professores. Lá pareciam que não existiam regras, estranhava a maneira que se vestiam as alunas, eu achava tudo “bagunçado” em relação à escola anterior, os alunos em sala de aula sentavam onde queriam, as cadeiras eram todas riscadas.

Em relação aos professores, percebia certo desinteresse ao ministrar suas aulas, não eram muito dedicados e não se preocupavam se estávamos aprendendo ou não, e devido ao método que permeavam as relações professor-alunos na época, em que os diálogos não eram incentivados, não me atrevia a perguntar nada, pois professores pareciam não se importar com minhas dúvidas.

Mesmo diante da aparente desorganização e distanciamento dos professores, nesse ambiente eu me sentia mais tranquila e mais livre. Lembro-me de alguns professores dessa escola que foram marcantes em minha vida, onde destaco o professor Olivar, meu professor de matemática. Ele me chamava em sua mesa, colocava uma cadeira ao lado da sua e me explicava o conteúdo que eu não entendia, mas não era só isso, ele tinha uma forma prática e didática de ensinar que fazia com que eu entendesse com mais facilidade. Eu também admirava sua postura séria, não era de fazer brincadeiras, mas conquistava a todos, tanto que ele foi o professor escolhido pela classe para nos entregar o diploma de conclusão do antigo Segundo grau. Esse professor me fez construir uma imagem positiva sobre ser professor.

Naquela época essa etapa do ensino era dividido por Áreas: Ciências Humanas, Ciências Biológicas e Ciências Exatas, optei por Ciências Humanas com o curso de Administração no qual saí com o título de Auxiliar Técnico em Administração. No decorrer do meu 2º grau nessa escola pública não me lembro de nenhuma violência sofrida, pelo menos de nada que tenha me marcado. Foi um período que adquiri amizades de colegas que tenho até hoje e de mestres que me acolheram e me prepararam para a vida e para as lutas. Também nessa escola pude conviver com as limitações do ensino público como a infraestrutura e organização.

Quando terminei o 2º grau, tentei vestibular por 3 anos para Administração na Universidade Federal do Pará-UFGA, mas não passei. Foi apenas na 4ª tentativa que consegui ingressar no ensino superior, mas para o curso de Meteorologia. Nesse curso senti muita dificuldade de aprendizagem devida às disciplinas que exigiam muito cálculo matemático, então resolvi trancar a matrícula por dois anos. Durante esse período, engravidei do meu primeiro filho e me casei. Dessa forma a Universidade foi se tornando mais distante, pois comecei a trabalhar durante o dia e a noite ficava com meu filho, com isso fui desligada da UFGA e então resolvi renunciar momentaneamente a esse meu desejo de ter um curso de graduação.

Depois de quase 20 anos e meus filhos já bem crescidos resolvi voltar a estudar. Por dois anos tentei o Enem e em 2014 consegui ingressar novamente na UFGA no curso de

Licenciatura Integrada o qual me identifiquei muito, pois além de me sentir qualificada para trabalhar com crianças, jovens e adultos, sua proposta é interdisciplinar, em que poderei articular com diversas áreas e tornar minhas aulas mais prazerosa e atrativa.

Durante minha vida profissional tive a oportunidade de trabalhar na secretaria de uma escola pública como assistente administrativa onde convivia constantemente com fatos que eu considerava como violência. Trabalhava no turno da noite e matriculava alunos em liberdade condicional, egressos de presídios por motivos de roubos, assassinatos, tráfico de drogas entre outros. Mas foi no decorrer do meu curso, durante visitas e trabalhos que realizei nas escolas e principalmente nos estágios docências, que me deparei com várias situações que me recordaram meu primeiro grau (hoje ensino fundamental I), recordações essas que depois de tantos anos ainda me causam um certo desconforto: crianças sendo excluídas por colegas, brigas corriqueiras, apelidos. As crianças ainda conviviam com a falta de estrutura das dependências da escola, onde faltava o mínimo em algumas salas como o quadro para escrever.

Partindo dessas lembranças, reconheço que o tema violência escolar despertou-me grande curiosidade e surgiu o desejo de estudá-lo. A discussão dessa problemática se faz necessária à medida que esta ameaça à escola e a sociedade.

O objetivo desse trabalho é **verificar de que forma a violência é percebida por crianças no ambiente escolar em uma escola pública de Belém do Pará.**

Parti de conceitos e tipos de violência observados, onde apresento as posições de vários autores como Candau (2001), Abramovay (2002), Araújo (2002), Charlot (2002), Cória-Sabine (2002), Pedroso(2002), Abramovay e Rua(2003), Sarmiento (2009), Santos (2011), sobre a manifestação e banalização da violência na escola, na família e na sociedade. Para alguns desses autores os fatores que tem contribuído para a manifestação da violência estão relacionados ao processo ensino-aprendizagem, outros apontam para uma desestrutura familiar, onde a família, instituição primeira em que cabia-lhe o papel de educar, delegou essa função à escola, em decorrência dos novos modelos criados pelo mundo moderno e pela globalização.

Neste sentido a escola tem o papel fundamental de criar uma relação de afetividade e respeito entre todos os membros escolares em principal alunos/professores oferecendo um ambiente saudável e prazeroso de aprendizagem e convivência.

2. VIOLENCIA ESCOLAR

Nos últimos anos, a violência tem sido noticiada como destaque em todos meios de comunicação, pois é o tipo de notícia que mais é vendida, a ponto de termos telejornais e jornais voltados exclusivamente para esse tipo de mídia.

As ocorrências vivenciadas em meio escolar também tem ganhado destaque nas mídias, mas muitas outras são ignoradas por nem serem consideradas violências.

Engana-se quem pensa que a violência em meio escolar é recente e que só acontece no Brasil. De acordo com estudos de Charlot(2002), na França séc. XIX houve explosões de violência no antigo segundo grau, que terminaram em prisões; no ensino profissional a relação entre os alunos eram muito grosseiras. Atualmente percebemos que os episódios de violência “evoluíram” para casos mais graves como homicídios, estupros e agressões com armas.

A Violência Escolar é dada pela ação ou omissão prejudicial que é exercida entre os membros de uma comunidade educativa (seja entre alunos, pais, professores ou pessoal não docente) e que pode ocorrer quer nas instalações escolares, quer noutros espaços diretamente relacionados com a escola.

Distinguir esses espaços não é tarefa fácil, mas é necessária. Para tanto devemos compreender sua manifestação no que tange a “violência na escola”, a “violência da escola” e a “violência à escola”. Esta classificação é feita de forma clara por Charlot (2002, p. 434-435).

- **a violência na escola-** é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição: quando um *bando* entra na escola para acertar conta das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que poderia acontecer em qualquer outro lugar.
- **a violência da escola-** é uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição de classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas).
- **a violência à escola** - quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violência que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam.

Para Charlot (2002, p.435) “esta distinção é necessária: se a escola é largamente (mas não totalmente) impotente face à violência na escola, ela dispõe (ainda) de margens face à violência à escola e da escola”.

È importante destacar que a violência se faz presente em qualquer lugar, pois a falta de diálogo, a conduta, a desigualdade social é um dos principais fatores para que a violência aconteça de forma que venha prejudicar o outro. Contudo nos dias atuais surgem atos agressivos de vários níveis, no qual os alunos e professores são as principais vítimas.

2.1- Tipos de violência

Visando fazer uma diferença em diversas manifestações desse fenômeno, a UNESCO vêm realizando pesquisas buscando entender o porquê de tais violências e tentando encontrar soluções para combatê-las. Neste sentido (CASTRO et al, 2001; ABRAMOVAY at al, 1999; BARREIRA 1999 e MANAYO et al, 1999) vêm utilizando as definições de violência direta, indireta e simbólica para identificar diferentes expressões do fenômeno. (ABRAMOVAY, 2002, p. 27-28). As formas de violências são assim definidas:

- **violência direta**- refere-se aos atos físicos, que resulta em prejuízo deliberado à integridade da vida humana. Essa categoria envolve todas as modalidades de homicídios, como: assassinato, chacina, genocídio, crimes de guerra, suicídio, acidente de trânsito e massacre de civis;

- **violência indireta**- envolve todos os tipos de ação coercitiva ou agressiva que impliquem em prejuízo psicológico ou emocional;

- **violência simbólica**- abrange relações de poder interpessoais ou institucionais que cerceiam a livre ação, pensamento e consciência dos indivíduos.

Compreendemos que todas as formas de violência citadas acima se manifestam no âmbito escolar, porém dentro dessas formas há outras que são recorrentes e comuns conforme estudos organizados por Santos (2011, p.27) e que citarei abaixo:

- **Violência física** - é a agressão causada a outrem, causando danos morais ou fisiológicos. Apesar da pouca perenidade caracteriza-se pela intensidade comparativa alta e pela instantaneidade. É o tipo de que mais se vale o senso comum para conceituar ‘violência’.
- **Violência psicológica** - é o tipo de violência que não deixa marcas no corpo, porém deixa marcas profundas no ser, podendo causar danos tão ou mais graves que a violência física. Poucas pessoas identificam tais atos que incidem sobre ações e coações como ‘violência’.
- **Violência verbal** - forma de agredir o outro através de xingamentos ou palavras para inferiorizar ou desqualificar alguém.

- **Violência institucional** - provocada pela própria instituição social ou escolar que faz propaganda a fim de vender “naturalidade”.

Como já falado anteriormente a violência na escola não é um problema novo, mas tem se agravado com o passar do tempo. Colabora para aumentá-la e difundi-la o próprio avanço da tecnologia e dos meios de comunicação como a internet e as redes sociais. Desse modo, é provável que, em maior ou menor escala, todos os estudantes assim como o corpo docente da escola já tenham presenciado ou ouvido falar de um caso do tipo.

Usar o grafismo infantil para captar as concepções de crianças a respeito da violência escolar é uma forma de introduzir o tema suavemente. O desenho é para a criança um modo muito significativo e prazeroso de expressão e de representação e que passeia entre o real e o imaginário, deixando-a a vontade para retratar a violência a sua maneira. Através do desenho as crianças brincam, experimentam ideias, anseios e pensamentos, representam o mundo e suas vivências a partir das relações que estabelecem com o outro e com o meio em que vivem.

Conforme Sarmento:

A criança, ao desenhar, manifesta naturalmente sua percepção do mundo, uma vez que, por meio do grafismo ela busca e reelabora seu autoconhecimento ao relacionar, inter-relacionar e integrar suas vivências cotidianas... (SARMENTO, 2009,p.58)

Por isso conhecer as modalidades que a violência escolar se manifesta e lançar mão de estratégias para verificá-la contribui significativamente para seu enfrentamento.

2.2. Violência Escolar: um reflexo da exclusão Social

O problema da Violência Escolar é uma realidade que vem desafiando educadores brasileiros na formação de sujeitos colocando em dúvida a concepção de valores. Além de interferir no processo de educar, ela dificulta desenvolver na escola a noção de liberdade de expressão e de pensamento.

Em março de 2016, um jornal de grande circulação do Pará, O Liberal, trouxe o artigo intitulado “Violência explode nas escolas públicas de Belém”. A reportagem nos informa que 30% dos estudantes de Belém sofreram algum tipo de violência na escola em 2015. Dentre ele destacam-se roubos, furtos, brigas, ameaças, discriminação e pichações como as que estão entre as principais ocorrências. Em 62% dos casos, o agressor foi um colega da escola, mas professores, funcionários e até diretores aparecem como autores em 20,5% dos relatos da

pesquisa feita pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e a Organização dos Estados Interamericanos (OEI).

Segundo a pesquisa intitulada “Diagnóstico participativo das violências nas escolas: Falam os jovens” (ABRAMOVAY et al, 2016), as ocorrências mais presenciadas pelos alunos, brigas e agressões físicas, são maioria dentro dos muros dos colégios (13,8%), a maior parte nos pátios (31,1%) e salas de aula (23,5%).

O convívio entre educadores e alunos foi objeto de um levantamento feito pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) em 2015, por meio dos questionários da Prova Brasil. De acordo com os resultados da pesquisa, 50% dos professores haviam presenciado algum tipo de agressão verbal ou física por parte de alunos contra profissionais da escola. — Quase 30 mil declaram terem sofrido ameaças de estudantes. Mas não só os alunos são violentos. As agressões também vêm dos familiares. Imaginamos que a violência acontece só na relação entre professor e aluno, mas também somos agredidos física e psicologicamente pelas famílias. Ameaças e discussões em tom agressivo são frequentes — explica o diretor do Sindicato dos Professores no Distrito Federal (Sinpro-DF), Cláudio Antunes em entrevista para uma reportagem reproduzida pela Agencia Senado.

A violência na escola é compreendida como um fenômeno que vem interferindo no processo de construção do conhecimento, isso ocorre porque os valores transmitidos pela escola têm sido rejeitados pelos alunos e estes respondem com violência, pois os mesmos não estão encontrando nela algo válido para aplicá-lo na vida lá fora.

Os professores, sentindo dificuldade de se relacionar com seus alunos, ignoram seus problemas expondo-os ao ridículo, como colocar apelidos pejorativos e ofensivos, que por sua vez lhes provocam revoltas levando-os a tornarem-se agressores. Assim para Abramovay:

A escola é vista como um lugar de aprendizagem, como caminho para inserção positiva no mercado de trabalho e na sociedade, por outro lado muitos alunos consideram a escola um local de exclusão social, onde são produzidas situações de violência e discriminação. (ABRAMOVAY 2002,p. 75):

Essa realidade tem mostrado a disparidade de desigualdade social em nossa sociedade excludente, que muitas vezes a escola se torna um modelo de reprodução dessa desigualdade. Professores e alunos exercem o papel de “faz de conta” que ensina e o outro que aprende. E os sujeitos que não se adequarem a esse “jogo” ficam de fora, uma vez excluídos e marginalizados acabam por responder a essa exclusão, com violência nas suas diversas formas. Assim diz Cória -Sabine referindo-se ao papel do professor:

O aluno como pessoa, não é preocupação para muitos professores. Para eles o conteúdo é mais importante e, se está atrasado e precisa ser atualizado, passa ser o

cerne das relações com os alunos. Assim os dias passam, os alunos passam e os professores vão passando rapidamente por esses dias sem deixarem marcas profundas naquilo que realizam (...) A maneira mais fácil de ensinar é apresentar os conteúdos escolares, distribuir tarefas, realizar avaliações, ignorando o fato de que os alunos são pessoas com características e problemas individuais. (CÓRIA - SABINE 2002, p.45)

Gostaria de esclarecer, que não se pretende jogar a culpa exclusivamente no professor, pois que também é um produto do sistema que aí está posto, mas o problema torna-se conflitante pelo fato de que ele é o agente principal na formação de novos sujeitos, que tem em suas mãos seres em formação, não do futuro, mas do presente, que precisam ser vistos como pessoas e não como objeto passivo diante de padrões que, a escola tenta lhe impor.

O problema da violência compromete o que deveria ser a identidade da escola denegrindo sua imagem, como lugar de sociabilidade positiva, de aprendizagem, de construção, de conhecimentos e de valores éticos e morais. A escola não é detentora da verdade, mas um espaço de construção de conhecimento e valores, pautados no comprometimento, no respeito, na ética e que, juntos família e escola, podem discutir esse fenômeno e tentar apontar possíveis soluções. Para Candau a escola é um lugar privilegiado com função formadora:

voltada para a aprendizagem escolar, concebida como um instrumento de formação e de construção do sujeito ético, político e social, constituem certamente um grande desafio para a sociedade e em especial para educandos e educadores. (CANDAU, 2001, p.48)

As situações de conflitos criados no entorno escolar, repercutem e interferem na aprendizagem e na qualidade do ensino e esses episódios têm sido a maior dificuldade encontrada pela escola, no sentido de construir conhecimento, promover a liberdade de expressão e formar cidadãos críticos.

Com as mudanças de hábitos e de valores nos dias atuais, as exigências de se repensar o papel da escola se faz necessário e urgente, à medida que o jeito de cada nova geração ultrapassa o “jeito” da escola. É nesse contexto, que alunos entram em contradição e conflitos. A escola tenta coibir seus sujeitos com padrões antigos e desvinculados com o mundo moderno, com proibições de certos padrões e normas rígidas indo de encontro com a maneira de ser dos jovens e adolescentes.

Senão vejamos: o boné, o gorro, o brinco na orelha do rapaz e o pircen no umbigo da menina não são coisas do passado, são realidades do presente que a escola precisa criar estratégias para trabalhar e conviver com essas diversidades. É nesse ambiente de conflitos, entre aquilo que deveria ser a identidade dos jovens e a imposição da família, da não aceitação do seu modo de ser, que nasce a violência e esta por sua vez se reflete visivelmente na escola

e na sociedade. Talvez esse tenha sido o entrave para se chegar ao consenso, pois de um lado a escola mantém sua postura de ditar as regras sem ceder às pressões, e de outro os alunos de exigir a aceitação de sua identidade de "ser diferente" defende Candau, mesmo que para isso seja necessário usar de violência, para consegui-la.

Nesse sentido, "violência é concebida como uma forma de dizer com atos o que não pode dizer com palavras", diz Candau (2001) e destaca ainda:

a importância do diálogo como forma de enfrentamento na questão da violência na escola e dentro desta perspectiva de se voltar o trabalho pedagógico para a construção de um ser social dotado de capacidade de falar. A linguagem é considerada aí, como instrumento de sobrevivência e de luta para a transformação da sociedade. (CANDAU 2001, pag. 50)

A escola não tem dialogado com seus alunos para juntos construírem as regras, como o que diz respeito às condutas dos alunos, sobre o que pode ser permitido e o que deve ser evitado. A escola tenta impor as regras e isso é um dos motivos tem levado ao descrédito de seus objetivos, além de enfraquecer seus valores e seu prestígio social. Partindo desta constatação, "desapareceu a escola que era facilmente identificada como um dos prédios mais importantes da cidade", diz Candau (2001, p.43). Fica evidente que seus sujeitos não a veem como um lugar onde se constroem valores e se moldam os novos cidadãos.

A escola sozinha, não consegue, através de seus instrumentos educativos, combater essa violência que se apresenta de forma banalizada e vem assumindo uma nova roupagem, muitas vezes camuflada e difícil de ser detectada.

Para Sarmiento :

A violência presente na sociedade, na família e no bairro também se manifesta e abala fortemente as instituições escolares. Mas é na escola, sobretudo por meio dos alunos e professores, que a violência vem sendo materializada de forma emblemática durante as atividades curriculares, na difícil relação entre alunos e/ou professores/gestores. (SARMENTO, 2009 p. 41)

A falta de diálogo, a conduta, a desigualdade social são os principais fatores para que a violência aconteça de forma que venha prejudicar o outro. A escola quando atua nas mazelas sociais se torna o cenário ideal para que as crianças, adolescentes e jovens se encontrem para acentuarem suas rivalidades.

Como afirma Sarmiento:

A escola, sendo vítima e algoz, também, desse quadro de violência que se alastra dia a dia na sociedade, não consegue, em muitos casos, trabalhar esse problema, decorrendo daí a formação de gangues, o uso indiscriminado de drogas, a agressão ao patrimônio público e à vida humana, criando-se um clima de insatisfação, impunidade, instabilidade no interior das escolas, comprometendo não só a aprendizagem dos alunos, como também a qualidade do ensino, ao aumentar a insegurança de pais, alunos e professores no ambiente escolar. (SARMENTO 2009,p.41):

Essas situações de conflitos criados no entorno e no interior da escola, repercutem e interferem na aprendizagem e na qualidade do ensino. Neste sentido é de extrema importância verificar de que forma a violência é percebida no ambiente escolar .

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Para concretizar os objetivos desse estudo, optei por uma metodologia pautada pela realização de uma pesquisa de campo do tipo qualitativa. A pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Bogdan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Como ponto de partida da pesquisa foi utilizado um estudo bibliográfico sobre o tema Violência Escolar, o passo seguinte foi a escolha do lócus de pesquisa na escola escolhida. estive em várias outras escolas, onde era muito bem recebida e acolhida, principalmente quando dizia que era aluna da UFPA, mas quando eu revelava o tema de meu estudo, Violência Escolar”, as portas se fechavam e tudo desmoronava, muitos não queriam se expor e nem expor seus alunos, afirmavam não existir casos de violência na escola , mesmo eu sabendo que sim, não insistia e partia para outra escola.

Após algumas escolas visitadas sem sucesso, soube de uma onde eu poderia ter acesso aos alunos. Visitei a escola e conversei com funcionários e com a coordenadora que se mostrou muito solícita e me ajudou bastante. Providenciei a documentação para autorização dos pais das crianças e marquei o dia para realizar a entrevista. Houve alguns imprevistos e por conta da burocracia da escola não foi possível realizar a entrevista na sala de aula, mas consegui conversar e colher alguns relatos das crianças após o ensaio para festa natalina que estava ocorrendo na quadra da escola, além de observações que realizei no dia a dia da escola durante o período de uma semana, onde coletei dados satisfatórios para minha análise e conclusões.

A Escola onde foi realizada a pesquisa fica localizada em uma periferia de Belém-Pa, possui espaços físicos adequados as atividades educativas que consta de: 01 sala de Diretoria, 01 sala de secretaria, 01 sala de professores, 09 salas de aula, 01 copa equipada, 01 bebedouro, 08 banheiros, 01 pátio, uma quadra de esporte e lazer. Atualmente a escola possui em seu quadro funcional 54 funcionários. Com 495 alunos matriculados em 2017, a escola funciona em 03 turnos e atende alunos do 1º ao 9º ano e Educação de Jovens e adultos no

noturno. As salas são amplas e abertas. Para os alunos entrarem na escola não é necessário nenhuma “carteirinha com foto” apenas a blusa da escola serve como identificação.

Como material pedagógico, a escola dispõe de dois aparelhos de TV, dois computadores, datashow, aparelho de som, além de variados recursos didáticos como, livros de histórias em quadrinho, várias coleções de primeiro ao quarto ano contendo CDs educativos.

Como instrumentos de pesquisa utilizei entrevistas, observações e desenhos realizados durante uma semana onde pude observar o dia a dia da escola.

3.1 Conhecendo os sujeitos da pesquisa

Minhas observações, entrevistas e os desenhos aconteceram com 12 alunos na faixa-etária de 08-12 anos, no período de 04 a 08 de dezembro de 2017 em uma escola pública de Belém do Pará. Por ocasião do ensaio que estava ocorrendo na quadra da escola observei que as crianças estavam acompanhadas dos pais e aproveitei o momento para obter autorização e realizar minha entrevista, pedi para se expressarem por meio de desenhos retratando como a violência se manifestava para eles. Através do grafismo infantil tentei extrair do imaginário dessas crianças suas percepções a respeito do tema. Para não comprometer os sujeitos da pesquisa usarei nomes fictícios.

São Eles: Mateus, aluno; Kauã, aluno; Isabel aluna; ketelym aluna; evelym aluna; Marcely aluna; Isabela aluna; Adriane aluna; Carlos aluno; Alexandre aluno; Arthur aluno. Todos estudam no turno da tarde, turno esse considerado o mais problemático pelo corpo docente da escola e que pude comprovar durante minhas observações.

A realidade da escola pesquisada e seu entorno mostrou que o desemprego e a pobreza fazem surgir meios de algumas famílias sustentarem seus filhos com ‘bocas de fumo’ que são crescentes nos arredores desta. As invasões próximas à escola não dispõem de área de esporte, lazer e recreação, coleta de lixo efetiva, não possui saneamento básico de qualidade, contribuindo para o aumento de adolescentes perambulando pelos arredores da escola, fora do horário de aula e tendo contato direto com usuários de drogas. Esses alunos, não raras vezes, adentram ao seu espaço sob efeitos de entorpecentes, gerando conflitos, ameaças a outros alunos e professores, oferecendo riscos, ao se comportarem com gestos de vandalismo como pichação, agressividade, palavras ofensivas, destruição do patrimônio Público, quando quebram carteiras, além da tentativa de furtos.

4- ANÁLISE DE DADOS

Para o instrumento de entrevista, foram organizadas 05 perguntas para nortear a conversa.

As perguntas foram:

- Dentro da escola alguém já passou por situações que tenha lhe causado algum desconforto, constrangimento ou que tenha se sentido ofendido por parte dos colegas ou dos funcionários?
- Quem já se envolveu em algum tipo de discussão, brigas dentro da escola?
- Já presenciou dentro desta escola alguém xingando, ofendendo ou insultando algum funcionário, professor ou aluno?
- Qual a punição que vocês acham que seria justa para uma pessoa que: ofende ou agride fisicamente alguém e destrói o patrimônio da escola?
- Você acha a escola segura?

Após as entrevistas distribuí papel e lápis as crianças e solicitei que desenhassem suas idéias e percepções sobre a violência escolar. As respostas às perguntas acima juntamente com os desenhos suscitaram relatos de várias manifestações de violências na visão das crianças e diante dos dados levantados organizou-se nas seguintes categorias:

- 1- Violência entre alunos- Brigas
- 2- Uso de drogas
- 3- Assalto e medo
- 4- Depredação do patrimônio público
- 5- Desrespeito ao professor.

O processo de análise dos desenhos não foi uma tarefa simples, uma vez que não tenho a competência profissional para analisar com profundidade as informações ali contidas, mas com o suporte das leituras do autores que estudam a violência, fui capaz de categorizar as informações ali registradas.

4.1- Violência entre alunos – brigas

Essa categoria surgiu dos relatos de Arthur, Kauã, Alexandre, Marcely juntamente com os desenhos de Matheus (Figura 02), Isabel (Figura 01), Kauã (Figura 03) e Ketellen (Figura 04).

Segundo Abramovay&Rua (2003) essa é uma modalidade de violência escolar muito corriqueira, como podemos comprovar, uma vez que 7 dos 11 alunos entrevistados relataram

esse problema em sua escola.

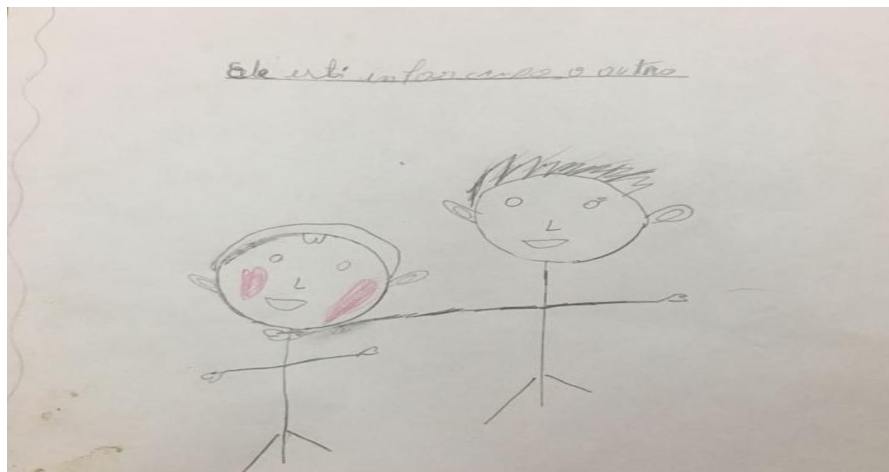


Figura 1 - Isabel 10 anos



Figura 2 - Mateus 10 anos

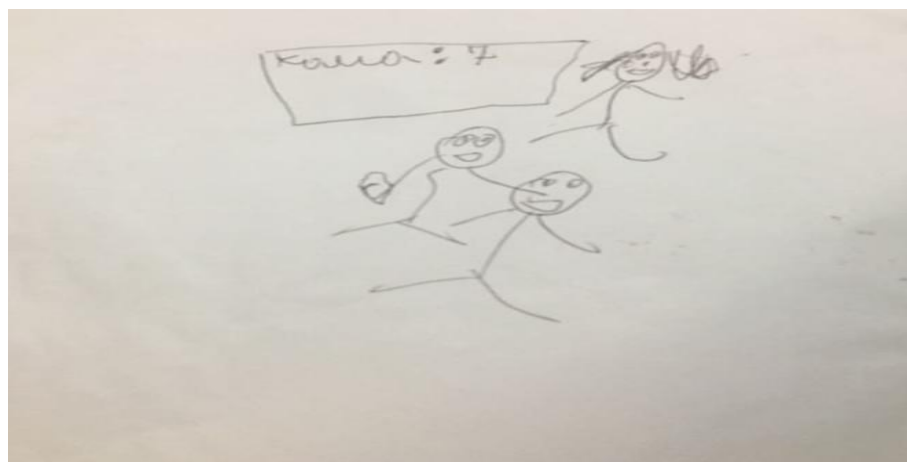


Figura 3 - Kauã 08 anos

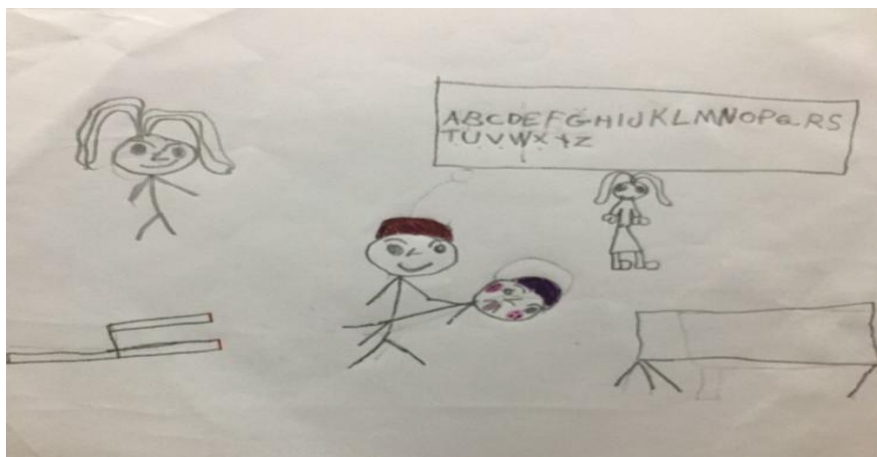


Figura 4 - Ketellen 08 anos

Nos desenhos apresentados acima, os alunos retrataram a manifestação de violência através das brigas nos espaços escolares, inclusive em sala de aula na presença do que parece ser a figura da professora, como também relatado por Alexandre (11 anos) *Já presenciei várias vezes discussões e brigas dentro da sala. Pra mim já é normal, fico na minha.* A fala de Alexandre também denuncia a banalização dessa modalidade de violência quando ele diz *pra mim já é normal, fico na minha.*

Outros relatos apontam a briga como sendo uma modalidade de violência usada como mecanismo de resolução de conflitos:

- Kauã 8 anos - aluno: Não gosto de um amigo meu que se chama Luis, ele me bate. Eu não faço nada pra ele.
- Marcey 11 anos: A Diana e a Elem estavam discutindo por causa de namorado. Então o pessoal começou a meter pilha dizendo pra elas brigarem, então foram para o banheiro e começaram a se bater... A servente da escola chegou e apartou as duas
- Arthur 10 anos: Eu já fui pra diretoria umas 2 vezes, numa das vezes eu tava brincando com meus amigos, aí meu colega começou a falar besteira, então nós fomos pra cima, começamos a bicudar ele de tanta raiva. A porteira viu e fomos pra diretoria, peguei uma suspensão de dois dias, achei foi bom, fui é jogar vídeo game no cyber.

Percebemos na fala de Arthur que a atitude tomada pela escola para frear esse tipo de manifestação violenta, não surtiu efeito, uma vez que o mesmo afirmou: “achei foi bom, fui é jogar vídeo game no cyber” ao ser suspenso por dois dias. Não raras vezes vi durante a pesquisa, alunos envolvidos com atos de violência serem levados para a diretoria e depois de um “sermão”, com conselhos e advertências, saíam e praticavam os mesmos delitos. Fica evidente que os valores e os padrões impostos pela escola, pouco importa para esses sujeitos.

4.2 Usos de Drogas

O desenho de Evelyn (Figura 05) suscitou o problema das drogas em nossas escolas, que também é reforçado com o seu relato: “Um dia desses tinha um bocadinho de moleque no beco da escola fumando droga. Cheiro forte. A gente viu tudo. A gente tava brincando na quadra e percebeu eles mandaram a gente ficar de boca calada...nós saímos correndo.”

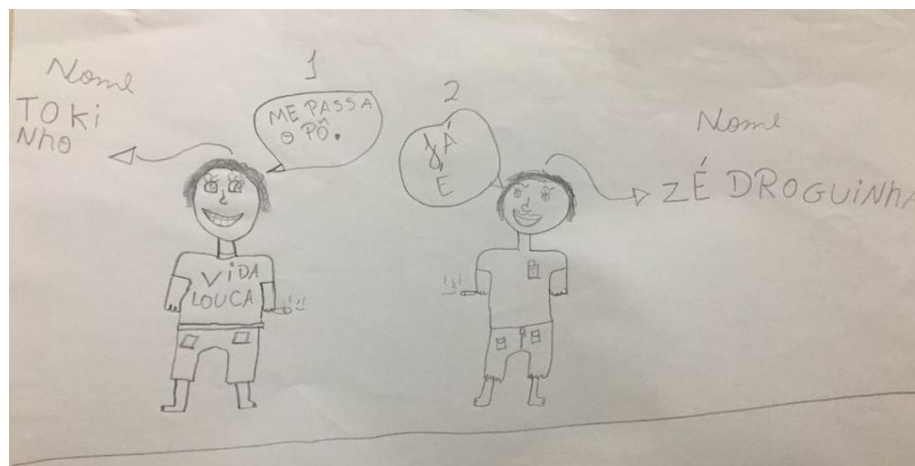


Figura 5 - Evelyn 12 anos

Em muitas escolas, a formação de gangues ou o tráfico de drogas no espaço escolar ou no seu entorno, traz um clima de total insegurança. E, isso fragiliza a autoridade dos responsáveis pela ordem na escola a tal ponto de ficarem imóveis com receio de sofrer represálias. Partindo desta constatação concordo com o que diz Candau (2001, p.43): “Desapareceu a escola que era facilmente identificada como um dos prédios mais importantes da cidade”. Uma vez que a escola se tornou insegura onde a violência parece normal.

No desenho dessa aluna percebe-se que esses usuários de drogas que frequentam a escola acabam interferindo na rotina escolar de variadas formas, demarcando territórios, impondo regras, ameaçando e impregnando de alguma forma suas gírias no cotidiano desses alunos. Concordo com Sarmiento (2009), quando este diz que a escola é vítima, mas também é algoz, e que em muitos casos não consegue controlar a violência, como consequência surgem a formação de gangues, uso de drogas, impunidade e isso compromete a aprendizagem do aluno além de aumentar a insegurança da escola e seu entorno. Portanto, assim como foi constatado por Abramovay & Rua (2003) no que tange a questão da violência, o tema drogas é controvertido e delicado, afinal ter alunos envolvido com drogas, infelizmente, é uma situação cada vez mais comum nas escolas e esta deve procurar soluções e adotar medidas preventivas que contribuirão para evitar consequências mais graves.

4.3. Assalto e Medo

Essa modalidade de violência causa insegurança e medo para os alunos e toda a comunidade escolar. ABRAMOVAY (2002) entende esse tipo de violência como Violência Física de um indivíduo ou grupo contra a integridade do outro.

A aluna Marcely em seu relato deixa claro a insegurança que ela tem ao sair da escola: “*uma vez roubaram o celular de uma menina lá na frente da escola. A gente fica com medo*”. Talvez ao saber do assalto ela também se sentiu afetada diretamente apesar de a vítima não ter sido ela própria.

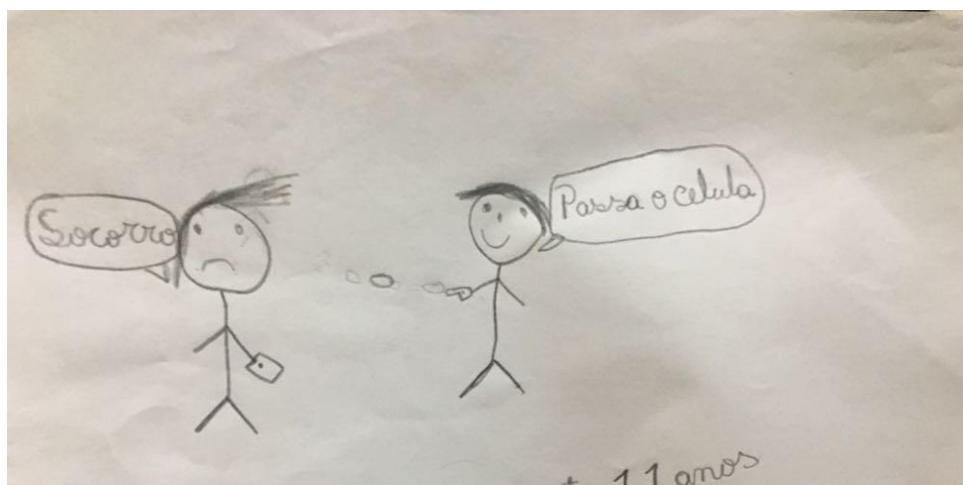


Figura 6 - Marcely 11 anos

O seu desenho (Figura 06) retrata o tanto que esse incidente ficou gravado no seu pensamento. A manifestação da violência no entorno da escola interfere na vida emocional do aluno onde o medo é constante entre os estudantes, atrapalhando o estudo e colocando a vida deles em risco. Sarmiento (2009, p.74) diz que em geral esse tipo de violência acontece devido crianças e estudantes serem visto pela sociedade como seres frágeis, que apresentam menor resistência aos assaltos.

O nível de insegurança e de estresse dos estudantes e trabalhadores da educação só aumenta, e esse é um problema que diz respeito a todos nós que nos sentimos indignados com a impunidade. É difícil aceitar, mas parece que naturalizamos, que banalizamos também mais esse ato contra a liberdade, a vida. Infelizmente não é de hoje que estamos condenados ao confinamento, amedrontados, cada vez mais atrás das grades e os criminosos à solta.

4.4. Depredação do Patrimônio Público

Nos desenhos de Adriana (figura 08) e Isabela (Figura 07) percebe-se a violência manifestada através da depredação do patrimônio público que é um fenômeno observado e tratado com muita tolerância e certa "naturalidade" em quase todas as escolas públicas. Ela se manifesta por meio das constantes pichações nas paredes e carteiras, no quebra-quebra de cadeiras, mesas e maçanetas de portas, bem como, através de tantos outros tipos de violência contra um espaço físico.



Figura 7 - Isabela 10 anos

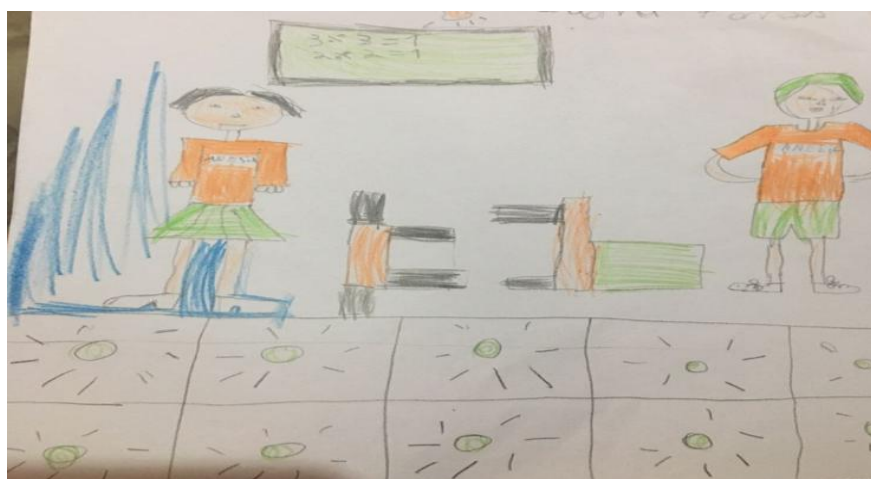


Figura 8 - Adriana 08 anos

Segundo Abramovay & Rua (2003, pag.60)“A dilapidação do espaço e do equipamento escolar, sem o furto de bens, surge como ato de reação ao social contra a escola.(,,) Assim, é necessário tentar desvendar as mensagens escondidas nos atos de violência contra o patrimônio das escolas”. Vale ressaltar que essa depredação aqui mencionada é praticada de forma intencional e voluntária. Para isso os alunos precisam estar inseridos no ambiente

escolar e ligados a ele por meio do sentimento de pertencimento à escola.

4.5. Desrespeito ao professor

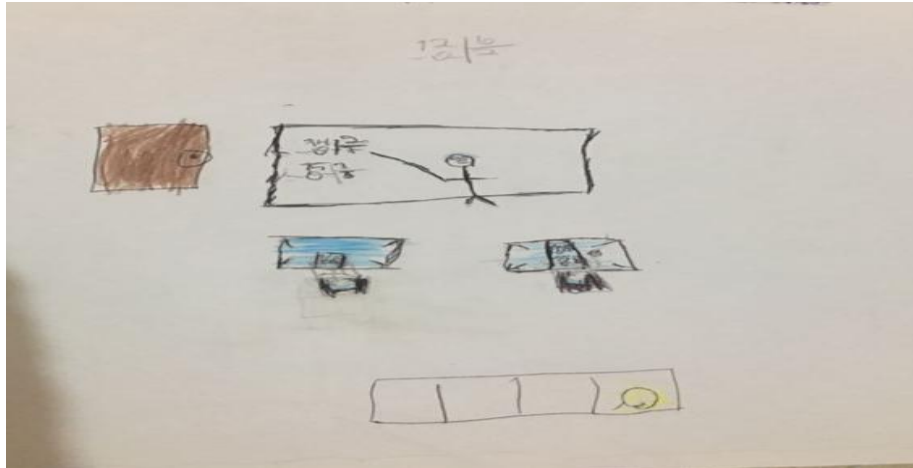


Figura 9 - Carlos 10 anos

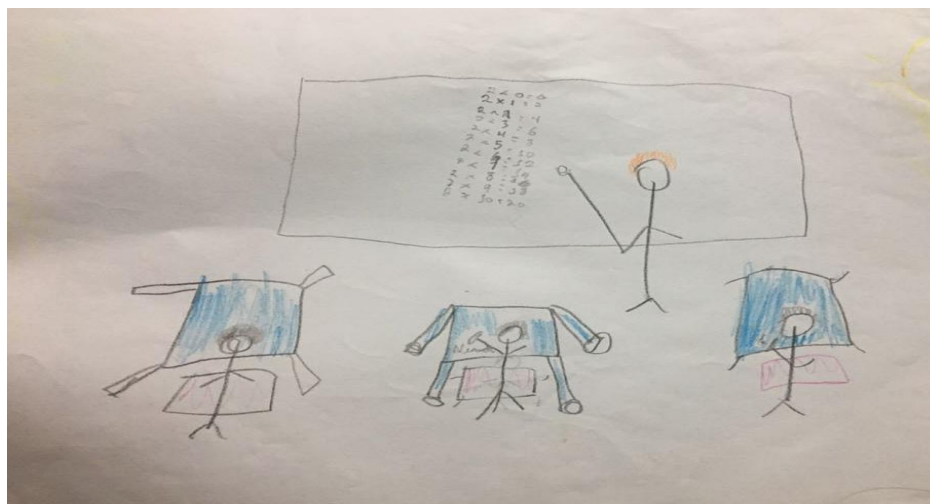


Figura 10 - Alexandre 11 anos

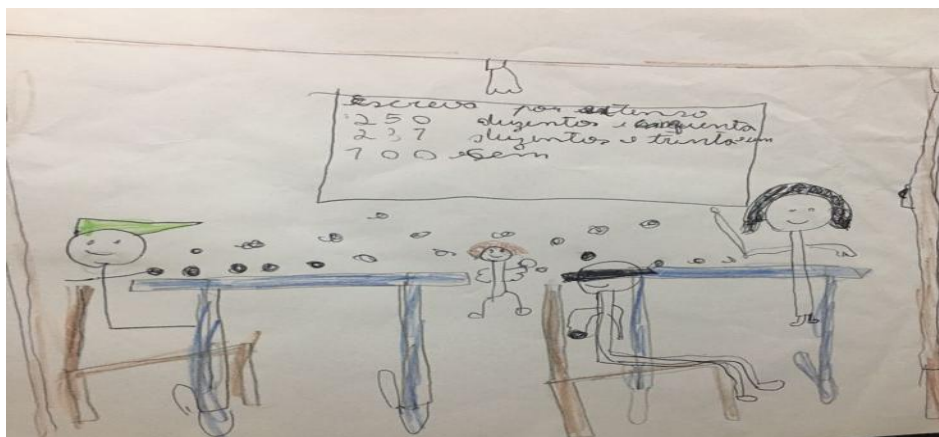


Figura 11 - Arthur 10 anos

Os desenhos de Carlos (figura 09), Alexandre (Figura 10) e Arthur (Figura 11) parecem ilustrar o desrespeito ao professor, quando não se comportam fazendo “brincadeirinhas” e arruaças dentro e durante à aula ignorando a presença do mesmo. Para Charlot (2002) trata-se de uma violência à escola, à natureza e às atividades da instituição escolar, pois afeta diretamente o trabalho e a autoridade do professor.

Infelizmente, a indisciplina no ambiente escolar tornou-se algo rotineiro nas escolas brasileiras, e o número de casos de violência contra professores e funcionários da escola por parte de alunos aumenta assustadoramente. No relato de Arthur (10 anos) isso fica bem claro *Não gosto da tia que fica no corredor, ela vive mandando eu ir pra sala, não posso nem ir no banheiro...qualquer dia eu dou uns pau nela*”. Trata-se de um comportamento inaceitável e insustentável, que deve ser prontamente erradicado da vida escolar com a adoção de medidas próprias.

Segundo Abramovay (2006) "a falta de respeito, a indiferença à presença do professor e a desconsideração pelo poder dos docentes na escola são pontos de tensão no relacionamento entre alunos e professores" (Abramovay, 2006, p. 106). Diante disso o professor permanece sem ação e sujeito a crianças e adolescentes marginalizados, isso por que esses podem se referir ao professor com palavras de baixo calão, ameaças, fazer brincadeiras na hora da aula, xingamento, pois são garantidos pelo Estatuto da Criança. Dessa forma, a exposição a esse tipo de violência acaba por gerar sentimentos de insegurança e de medo, prejudicando e causando conflito negativo no desempenho dos docentes e, conseqüentemente, no aprendizado dos alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, foram várias as dúvidas que surgiram a começar pela escolha do tema, Violência Escolar, por ser um assunto pertinente em nossa sociedade parecia ser amplo para delimitá-lo ao campo educacional. Contudo sua persistência nas escolas brasileiras me levou a estudar os tipos de violência e verificar como ela se manifestava na visão das crianças. Meus anseios se consolidaram à medida que percebi a ramificação da violência na escola pesquisada que desafia seus educadores em construir conhecimentos e valores além de interferir no processo de educar e promover a liberdade dada ao sujeito no exercício da cidadania. Constatei que na visão das crianças a violência não é manifestada através dos grandes crimes, mas através de pequenas ocorrências cotidianas, expressas na

escola através de agressões físicas, drogas, assaltos, medos e de atitudes caracterizadas como desrespeito ao próximo. São tipos de violência que tem sido banalizada, mas que traz consequências arrasadoras para o processo de ensino-aprendizagem, para a socialização dos estudantes e para o relacionamento professor-aluno.

As entrevistas e observações que realizei me permitiram comprovar através dos relatos e desenhos que a violência se manifesta de diversas formas no meio escolar: desrespeito ao professor e as autoridades da escola, destruição do patrimônio público, uso de drogas, assaltos e medos, e violência física, esta última mais comum e recorrente e ao meu ver considerada até natural ou normal pelos corpo docente da escola..

A escola já começa a pensar estratégias e tomar algumas medidas para enfrentar a violência como a construção de muros para a contenção de invasores e gradeamento das salas. Outra medida que tem sido apontada por muitas escolas, é a intensificação da polícia dentro do seu espaço. Conforme anunciou um site da Prefeitura de Belém, a Semec (Secretaria Municipal de Educação de Belém) junto com a Polícia Militar (CIPOE) firmaram recentemente uma parceria para estreitar relações e aumentar segurança nas escolas, visando buscar novos métodos e estratégias para a atuação da polícia dentro da comunidade escolar.

Mesmo que a equipe educacional da escola (coordenadores, professores direção) já consiga avançar no sentido da proposição de Projetos Educativos voltados para a qualidade do ensino e aprendizagem com ações de reforço escolar, sistema de acompanhamento dos alunos com dificuldades, cursos de capacitação etc, nenhum desses projetos discute o enfrentamento da violência.

No entanto, penso que ações pedagógicas podem oferecer melhores resultados, como a adotada, por exemplo, por uma professora de uma escola localizada na periferia de Belém que junto com um grupo de estudo e pesquisa sobre educação, montou um painel com recortes de jornais de várias notícias violentas na cidade para suscitar reflexões aos alunos. Acredito que planejar aulas motivadoras que favoreçam a reflexão e o aprendizado, levando esse tema para a sala de aula desde as séries iniciais é uma forma de trabalhar com um tema controverso e presente em nossas vidas. Os professores podem levantar discussões acerca do tema numa possível forma de criar um ambiente de respeito ao próximo, considerando que todos agentes escolares devem participar e se engajar nessa ação, para que a mesma não se torne contraditória. E muito além das discussões e momentos de reflexão, os professores devem propor soluções e análises críticas acerca dos problemas a fim de que os alunos se

percebam capacitados para agir como cidadãos.

No Brasil, o fácil acesso às mídias com programas e noticiários em horários inadequados acaba por despertar e favorecer os crescentes índices de comportamentos agressivos que se refletem na escola. Para que a violência deixe de ser a pauta do dia destes noticiários e das famílias que os assistem tornam-se necessárias ações conjuntas entre escola, pais e sociedade em vista de delegar as responsabilidades e saber como transformar este quadro. Percebe-se ainda a urgente necessidade em rever conceitos e promover discussões a respeito do assunto, propostas estas que vem sendo defendidas por profissionais que lidam diretamente com a violência, educadores, juristas, promotores e conselheiros tutelares.

6. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M & RUA, M: Violência nas escolas. UNESCO, Brasília, 2003.
- ABRAMOVAY, M et al. Diagnóstico participativo das violências nas escolas: falam os jovens. FLACSO–Brasil, MEC, 2016.
- ABROMAVAY, M. Juventude valência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2002
- ARAÚJO, C.: A Violência desce para a escola: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens. Belo Horizonte, Autêntica, 2002
- BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente (1990). Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Versão Atualizada 2017. Disponível em: : <http://www.chegadetrabalhoinfantil.org.br/wp-content/uploads/2017/06/LivroECA_2017_v05_INTERNET.pdf> acesso em 17 dez 2017.
- BRASIL. Constituição Federal de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em:<<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>>. acesso em 17 dez 2017.
- CANDAU, V. M. e LUCINDA, M.C & NASCIMENTO, M.G : Escola e Violência, 2º Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CASIMIRO,V. No caminho inverso da violência. **Educacional**, 08/ 2011. Disponível em: <<http://www.educacional.net/entrevistas/entrevista0068.asp>>. Acesso em: 12 dez 2017.
- CHARLOT, B. **A violência na escola**: Como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologia, Porto Alegre, ano 4. n 8 p.434-435,2002.
- CÓRIA-SABINI, M. A; OLIVEIRA, V. K. Construindo valores humanos na escola. Campinas, SP: Papyrus, [2002].

LUDKE. M; ANDRE. M.E.D.A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. Cap. 2. 1986.

O LIBERAL. Violência Explode nas escolas públicas de Belém. ORM NEWS.27 mar 2016. Disponível em: < <http://ormnews.com.br/noticia/violencia-explode-nas-escolas-publicas-de-belem>>. Acesso em: 26 dez 2017.

OLIVEIRA, A.D. **Violência Escolar verso e reverso das sociabilidades contemporâneas**. PUC. São Paulo. 2009

SANTOS. P. F. **Violência Escolar: O ponto de Vista de Professores de Matemática**. UFPA. Dissertação defendida em 2011.

SARMENTO, H, B de M; PAIXÃO,C.J; NUNES, C.do S. C : **Violência e Ética no Cotidiano das Escolas**.1º ed. Belém: UNAMA. 2009

SEMEC. Semec e PM firmam parceria para estreitar relações e aumentar segurança nas escolas. Prefeitura de Belém. 04 out 2017. Disponível em: <<http://www.belem.pa.gov.br/semec/site/?p=113>>. Acesso em : 17 dez 2017.

SOUZA, E. C. Modos de Narração e Discursos da memória: Biografização, Experiências e Formação.In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Eliseu Clementino(orgs). (Auto)Biografia: formação, territórios e saberes. Natal,EDUFRN; São Paulo, Paulus, 2008. V2.p.85 a 101.